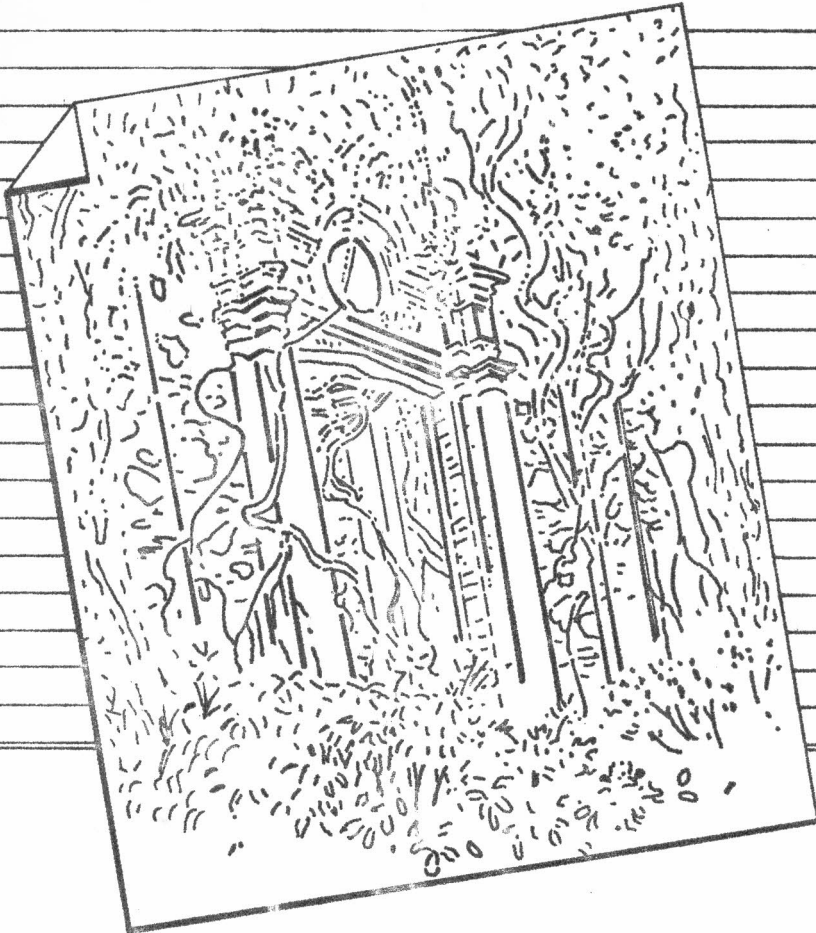




Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU



Edu/88

RUÍNAS DO MURUTUCU

Belém - Pará

1988

AS RUÍNAS DO MURUTUCU

Fundado por João Manuel Rodrigues, o Engenho do Murutucu se localizava em terras pertencentes à sua esposa Maria Rodrigues Martins. Em 1780, João Antonio Rodrigues Martins, o herdeiro, passou a administrá-lo à maneira dos grandes proprietários do Nordeste.

Segundo Ernesto da Cruz (1948), o Engenho do Murutucu iniciava no igarapé Tucunduba, indo até o igarapé Uriboça, onde se achavam as terras da Fazenda Utinga. Seriam essas as características referidas pelo tabelião Celso C. da Cunha, na escritura de venda do referido imóvel, lavrada em 9 de dezembro de 1382. Mas ainda, segundo Ernesto Cruz, o Engenho, no início, não seria tão extenso assim. Em 1795, o brigadeiro graduado e tenente coronel da milícia João Antonio Rodrigues Martins, que exercia nessa época o elevado cargo de diretor geral do Arsenal de Marinha de Belém, o vendeu à D. Ana Dionísia da Silva, pela quantia de quatrocentos mil réis, meia légua de terras - adjacentes à fazenda Murutucu.

Mais tarde - afirma Ernesto Cruz - essa área foi incorporada ao Engenho. Era onde estava a Capela, construída em 1711 e restaurada pelo arquiteto Antonio José Landi, que se tornou famoso pelos desenhos e construção do Palácio do Governo e igrejas do Carmo, Mercês, Santana e Rosário.

Para Donato Mello Junior, "Landi é o arquiteto da capela do Murutucu, embora não conheçamos documentação original". Esse fato se reforça pela presença do classicismo do traço, no ar paladiano de arquitetura erudita nos arcos, nas colunas dóricas, na composição das sobrepontas com um ornato em medalhão circular, "verdadeira assinatura do arquiteto de Bolonha". Donato Mello Junior ao prosseguir na descrição, diz que o recinto da nave é retangular - cerca de 5 x 10m, abridor por três vãos de porta em três paredes e por dois vãos de janela de cada lado. Na parede de fundo vê-se colunas dóricas, ninchos e molduras. A construção é de alvenaria de tijolos, bem cuidada, denotando o dedo do arquiteto nos arcos, colunas, filetes e molduras. Os tijolos são de pouca espessura (3 a 4cm) e praticamente se mostram sem revestimento. Os tijolos das colunas são especiais para a seção circular das mesmas e igualmente finos. Enorme arco, em pleno centro, com aduelas de tijolos ainda relativamente perfeito.

Isso tudo fez com que Donato Mello Junior tivesse a impressão que a "a obra era inacabada e dominada, depois do abandono, pela pujança vegetal do apui, que a cobriu de gigantesca rede de raízes. Algumas raízes engrossando, desmatelaram a construção e, uma delas, passando entre uma coluna e a parede (no seu engrossamento e no aspecto demorado) rachou a primeiro".

Para Donato Mello Junior a hipótese é a seguinte: a Capela da Conceição teria existido mais modesta, mas seria outra noutro local da sede. Possivelmente o proprietário enriquecido pela prosperidade inicial do engenho (João Manuel Rodrigues, fundador ou seu filho João Antonio Rodrigues Martins, genro de Landi), pensara em nova capela maior e mais rica, contando na família com o arquiteto e construtor Landi. Talvez mais tarde, pela decadência (ou destruição violenta ?) a obra ficaria incompleta e igualmente abandonada, mas mais resistente que o engenho e a sede, de construção menos forte.

Prosseguindo em sua narração, Ernesto Chuz o Engenho passou à propriedade do tenente coronel Francisco D'Elvas Portugal, casado com D. Ângela Joana Pereira Martins Marques. Depois da morte de Francisco, a propriedade foi vendida a Henrique Antonio Stranss, por dezesseis contos de réis, isto a 27 de junho de 1841.

Da escritura de venda lavrada pelo tabelião Paulo Perdigão, consta a relação dos bens que eram os seguintes: casa de vivenda, casa de engenho, rancho dos pretos, uma roda de água, moendas de ferro, um vapor com moendas de ferro e desconcertado, uma serraria, um alambique de cobre com serpentina, tachas de ferro, uma balança romana, um carro grande e um pequeno, um bateião, duas canoas pequenas, sete cabeças de gado lanigero, uma ferraria e três canaviais.

Os pertences da capela estavam também especificados: uma imagem de São Pedro, dez castiçais prateados, vasos de flores, crucifixo, campainha, placas de espelho, cômoda, espanador de penas, cortina de Damasco, estante do missal, cálice com pátena, palas de cálices, toalhas de altar e galhetas. Vinha a seguir a relação dos escravos. Eram ao todo 48, sendo 12 homens, 21 mulheres e 15 menores, alguns de colo e outros em idade de servir.

No ano de 1861 aparece nova referência à capela do Engenho e Casa de residência. Foi quando o Murutucu passou ao domínio dos herdeiros do comendador Vicente Antonio de Miranda. Na escritura há alusão à "Capela com as suas magens".

Mais tarde, em 1872, estava sendo o Engenho explorado pela firma Serzedelo & Faria Vivas, composta dos sócios José de Carvalho Serzedelo e Leonardo Augusto de Faria Vivas, que eram então os senhores das terras. E aparecem novos detalhes.

O Engenho era de fabricação de açúcar e aguardente, movido a vapor. A serraria era movida por água. A escravatura numerosa. E as casas de vivenda e a capela estavam em uso.

Em 1884, Frederico Pond e Emílio Reins & Cia, novos proprietários do Murutucu, que em alguns documentos aparece grafado Murtucu, pediram a demarcação da velha sesmaria.

Foi achada uma área de 38.445.190 metros quadrados, afetando a figura de um polígono irregular de sete lados. Passou depois o Engenho à propriedade do cônego José Lourenço da Costa Aguiar.

Em 1939 foi criado, pelo Governo Federal, o Instituto Agrônomo do Norte - IAN, que após uma avaliação por uma Comissão de Agrônomos do Ministério da Agricultura decidiu pela instalação do IAN na Fazenda Murutucu, nessa época com cerca de 3 mil hectares.

Em 1943, o IAN passou para Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte - IPEAN e, em janeiro de 1975, foi criado o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido - CPATU, unidade descentralizada da EMBRAPA, onde se encontram, atualmente, as RUÍNAS DO MURUTUCU.